



## HANDEBOL E A ARBITRAGEM DE MULHERES NO RIO GRANDE DO SUL

Jamile Mezzomo Klanovicz<sup>1</sup>

### Resumo

Este trabalho é um recorte de uma pesquisa de mestrado que se encontra em desenvolvimento. Onde busca reconstruir a trajetória de mulheres na arbitragem do handebol no estado do Rio Grande do Sul (RS), desde sua inserção até os dias atuais. Para esta pesquisa está sendo utilizado como aporte teórico-metodológico, a história oral, que se utiliza de fontes orais construídas por meio de entrevistas cedidas pelos sujeitos que possuem um envolvimento com a arbitragem do handebol. Além disso, os estudos de gênero, para abordar as mulheres no meio esportivo. O foco da pesquisa reside no aparecimento das mulheres na prática da arbitragem do handebol no estado gaúcho, tentando apreender como ocorreu o envolvimento dessas mulheres com a modalidade esportiva, como elas se inseriram na arbitragem do handebol, e quais os desafios que a arbitragem apresenta.

**Palavras-chave:** Mulheres. Arbitragem. Handebol.

### Abstract

This work is a cut from a master's research that is under development. Where it seeks to reconstruct the trajectory of women in handball arbitration in the state of Rio Grande do Sul (RS), from its insertion to the present day. For this research is being used as a theoretical-methodological contribution, oral history, which is used from oral sources constructed through interviews given by the subjects who have an involvement with handball arbitration. In addition, gender studies, to address women in the sports environment. The focus of the research is the appearance of women in the practice of handball arbitration in the state of Rio Grande do Sul, trying to understand how the involvement of these women with the sports modality, as they were included in the handball arbitration, and what challenges the arbitration presents.


**Keywords:** Women. Arbitration. Handball.

### Introdução

Para iniciar este trabalho, é preciso contextualizar a inserção do handebol no Brasil, que se inseriu primeiramente, no estado de São Paulo, dentro das colônias de imigração alemã, no ano de 1928 (HUBNER; REIS, 2006). Em seu início, a modalidade fora praticada somente por homens, possibilitando a participação de mulheres, apenas a partir de 1954 (NAGY-KUNSAGI, 1986, p. 26).

<sup>1</sup> Mestranda, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), jamilemk@hotmail.com.





Contudo, as mulheres sempre estiveram presentes no meio da cultura, e nas mais diversas modalidades esportivas, como afirma Goellner (2013) “as mulheres estiveram presentes em diferentes dimensões dessa prática cultural, apesar da ausência de registro na oficialidade dos discursos” (p. 49). Sendo assim, é devido à ausência de registros que este trabalho busca reconstruir a trajetória de mulheres árbitras de handebol no Rio Grande do Sul (RS). Sendo que até hoje o número de mulheres nesta função ainda é muito menor quando comparada ao número de homens.

Portanto, esta pesquisa que se encontra em desenvolvimento, aborda a temática das mulheres na arbitragem, com foco nas árbitras de handebol da Federação Gaúcha de Handebol (FGHb), e tem por objetivo compreender como elas se inseriram nesta função esportiva tão específica.

### **Caminhos metodológicos**


Para dar início a pesquisa, foi preciso traçar os caminhos metodológicos que fariam parte deste trabalho, sendo assim, os estudos de gênero se fazem presente nas discussões ao falarmos de mulheres no esporte. Outro caminho também escolhido, foi a história oral que visa entrevistar sujeitos que fazem ou fizeram parte de um determinado acontecimento histórico, neste caso, as mulheres na arbitragem.

Dessa maneira, para melhor compreender as desigualdades constituídas historicamente no esporte e em especial na arbitragem, é que trago a categoria analítica de gênero, que é importante para perceber os processos pelos quais, no interior de redes de poder, a diferença biológica é tomada para explicar desigualdades sociais gestando, assim, formas de inclusão e exclusão de sujeitos e grupos (GOELLNER, 2007, p. 183). Para Scott (1995)

[...] o termo "gênero" também é utilizado para designar as relações sociais entre os sexos. Seu uso rejeita explicitamente explicações biológicas, como aquelas que encontram um denominador comum, para diversas formas de subordinação feminina, nos fatos de que as mulheres têm a capacidade para dar à luz e de que os homens têm uma força muscular superior. Em vez disso, o termo "gênero" torna-se uma forma de indicar "construções culturais" - a criação inteiramente social de ideias sobre os papéis adequados aos homens e às mulheres. (SCOTT, 1995, p. 75).

Sendo assim, cabe refletirmos sobre a participação de mulheres nas diferentes práticas corporais, e esportivas que veem aumentando gradativamente. Sendo necessário reconhecer que as lutas femininas no âmbito do esporte são constantes e que os enfrentamentos são diários, dadas às desiguais relações de gênero que nele existem (HARTMANN, 2017, p. 32).





Com isso, perscrutar os mais escondidos recantos tem se mostrado como uma das possibilidades de resgatar memórias, acontecimentos, resultados e protagonismos femininos esquecidos, abandonados ou silenciados (JAEGER, 2006, p. 206).

Dessa forma, é a partir dos acontecimentos silenciados, e dos protagonismos esquecidos, que este trabalho tem como foco, tornar pública a voz e o protagonismo de mulheres na arbitragem do handebol gaúcho.

Para isso, será utilizado como aporte teórico-metodológico a história oral, que se consiste na gravação de entrevistas de caráter histórico e documental com atores e/ou testemunhas de acontecimentos, conjunturas, movimentos, instituições e modos de vida da história contemporânea (ALBERTI, 2003, p. 01). Sendo assim, para esta pesquisa foram entrevistadas, até o momento, as quatro árbitras que compõem o quadro de arbitragem da Federação Gaúcha de Handebol.

Dessa maneira, a História Oral, que é uma metodologia primorosa voltada à produção de narrativas como fontes do conhecimento, mas principalmente do saber (DELGADO, 2003, p. 23), está sendo utilizada, para obtermos maiores informações sobre o aparecimento, e a participação de mulheres no handebol e na arbitragem do Rio Grande do Sul.

Contudo, ressalvo que todas as entrevistas realizadas para este trabalho, fazem parte do Projeto Garimpendo Memórias<sup>2</sup> do Centro de Memória do Esporte (CEME), que possui como objetivo a reconstrução e preservação da memória das práticas corporais e esportivas do Rio Grande do Sul (GOELLNER et al., 2007, p. 54).

### **Handebol e arbitragem: primeiros passos**

Ao falarmos sobre o handebol no RS, não precisamos nos remeter as colônias de imigração alemã, como é o caso do estado de São Paulo, pois no estado gaúcho, a modalidade teve início em um curso de atualização de professores, em 1960 (KLANOVICZ, 2016).


Este curso de atualização, teve como responsável o professor Francisco Camargo Netto<sup>3</sup>, que na época residia na cidade de São Paulo. Após este curso, foi convidado para ministrar aulas de Educação Física nas escolas públicas do estado do Rio Grande do Sul.

---

<sup>2</sup> Projeto Garimpendo Memórias surgiu no ano de 2003, tendo suas atividades desenvolvidas pelo Centro de Memória do Esporte (CEME) da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (ESEFID – UFRGS)

<sup>3</sup> Francisco Camargo Netto nasceu em São Paulo, formou-se em Educação Física na Universidade de São Paulo (USP), e se especializou na mesma Universidade em Ataque-defesa, Futebol e Handebol. E ex-Professor da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.





Desta forma, no ano de 1961 se transferiu para o estado gaúcho e em 1963<sup>4</sup> começou a trabalhar na Escola Superior de Educação Física (ESEF), como consta em seu depoimento.

Ao iniciar sua atuação como professor no Ensino Superior, Camargo, como era chamado, começa a ministrar a disciplina de Handebol no ano de 1965, para as turmas de homens e de mulheres. Sendo a primeira vez, que está disciplina é disponibilizada na grade curricular da ESEF, e torna-se o principal responsável pela sua inserção. Entretanto, não era o único que admirava esta modalidade, e com o passar dos anos, outros professores acabaram se interessando pelo handebol, como é o caso do professor Benno Becker Júnior<sup>5</sup>, que no ano de 1969 coordenou o 1º Dia do Handebol na cidade de São Leopoldo no Colégio Olindo Flores da Silva. Este evento, possibilitou a participação de diversas escolas do estado do RS, e contou com a presença de quarenta equipes entre meninas e meninos.

[...] Após 9 (nove) anos de luta, conseguimos obter um triunfo maior com a realização do torneio de handebol de salão masculino e feminino, nas categorias infantil, juvenil, rapazes e moças, entre colegiais. Foi promovido pelo Ginásio Estadual “Olindo Flores da Silva”, na Vila Scharlau, município de São Leopoldo, sob a direção geral do professor Benno Becker. Participaram desse torneio, 16 (dezesesseis) escolas, formando mais de 40 (quarenta) equipes, enquanto que na arbitragem e no controle dos jogos estiveram os alunos da Escola Superior de Educação Física. (NETTO, 1972, p. 25).

O evento escolar, não apenas marcou o início do desenvolvimento do handebol a nível escolar no RS, mas também um dos primeiros movimentos de arbitragem, sendo que foram os alunos da ESEF quem apitaram as partidas.

No entanto, este não foi o único incentivo que o professor Benno Becker deu aos seus alunos, também influenciou para que fizessem cursos de arbitragem, como consta na narrativa de João Guilherme de Souza Queiroga.


[...] E aí por influência, inclusive, do professor Benno Becker, nós fomos fazer curso de árbitro de handebol, então mesmo sendo ainda praticante de handebol em categoria infante juvenil, a gente virou árbitro e apitava inclusive os campeonatos adultos, porque a gente tinha sorte de ser árbitro *específico* do handebol, nós não tínhamos sido árbitros em outras modalidades antes, nós iniciamos a arbitragem no handebol. (QUEIROGA, 2015, p. 03).

---

<sup>4</sup> Importante ressaltar, que neste período a Escola de Educação Física ainda estava vinculada ao Governo do Estado do RS, cuja federalização aconteceu apenas em 1969. E em 1970 a Escola de Educação Física, passa a pertencer oficialmente, como uma unidade da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E no ano de 2015, passa a se chamar Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança (ESEFID).

<sup>5</sup> Benno Becker Júnior formou-se em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) e Educação Física pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). É ex-Professor da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, e do Instituto Porto Alegre (IPA), e também ex-Vice Coordenador da Feevale. Atualmente, trabalha na área da Psicologia Esportiva.





Contudo, no ano de 1970 ocorre a fundação da Federação Gaúcha de Handebol, e a partir deste momento a modalidade ganha maior notoriedade dentro do estado e adeptos do esporte. Sendo assim, um dos primeiros cursos de arbitragem ocorre em 1976, segundo consta no livro de Francisco Camargo Netto (1982): “No intuito de ampliar sua ação, a Federação organizou cursos de arbitragem e a partir do ano de 1976, realiza o Campeonato Estadual de adulto e participa dos Jogos Intermunicipais com seu quadro de árbitros” (p. 29).

Com isso, os cursos de arbitragem no RS tornaram-se mais frequente a cada ano, porém a participação das mulheres na arbitragem no RS, começa a aparecer apenas no início dos anos 2000. Sendo que o último curso ofertado pela FGHb, foi em 2012, onde três mulheres entraram para o quadro de arbitragem, são elas: Betina Görden, Caroline Goulart e Marisa Wasem. E no ano de 2014, houve um curso de arbitragem para as modalidades de basquetebol, handebol, futsal e voleibol promovido pela extinta FUNDERGS<sup>6</sup> no Campus Olímpico da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Neste curso, houve participação de diversas mulheres, entre elas Priscila Nedel que hoje também faz parte do quadro de arbitragem da FGHb.

Desta maneira, atualmente o quadro de arbitragem da Federação Gaúcha de Handebol, conta com quatro árbitras, ou seja, duas duplas femininas. Sendo que a dupla Betina Görden e Caroline Goulart são a primeira dupla de mulheres do RS a atingir o nível de árbitras nacionais, conquista essa, que ocorreu no ano de 2017.


A entrada de mulheres na arbitragem brasileira, também é recente, visto que a primeira árbitra pela Confederação Brasileira de Handebol (CBHb), foi Silvana Maria Silva. Que já exercia a função de árbitra pela Federação Paulista de Handebol (FPH), desde o ano de 1987, segundo a narrativa de Carla Righeto: “[...] Então no Brasil assim em termos de quem foi a primeira árbitra eu não sei te dizer, mas a primeira árbitra registrada na Confederação foi a Silvana” (RIGHETO, 2017, p. 08-09).

Dessa forma, é possível perceber que ainda é raro as mulheres ocuparem posições que permitam a tomada de decisão no esporte brasileiro (HARTMANN, 2017), sendo ainda muito pequeno o número de árbitras quando comparado ao número de árbitros. No entanto, as mulheres vêm conquistando espaços, em diferentes funções esportivas, seja na arbitragem, na gestão, na administração, porém, isso não significa afirmar que as mulheres tenham as mesmas oportunidades que os homens ou que preconceitos quanto à participação feminina inexistam (GOELLNER, 2004).

---

<sup>6</sup> Fundação de Esporte e Lazer do Estado do Rio Grande do Sul.





Por fim, é necessário reconhecer que as lutas femininas no âmbito do esporte são constantes e que os enfrentamentos são diários, dadas às desiguais relações de gênero que nele existem (HARTMANN, 2017, p. 32). Portanto, a arbitragem ainda é um campo onde as mulheres precisam quebrar barreiras diárias, em relação, ao preconceito que ainda existe contra a sua atuação.

### Considerações finais

Para finalizar, este trabalho parte da consideração que ele ainda está em desenvolvimento, porém, é possível percebermos que a inserção das mulheres na arbitragem do handebol no Rio Grande do Sul, é bastante recente, quando comparado aos homens.

Também podemos levar em consideração a ausência de registros e o silenciamento e julgamento sobre a atuação das mulheres, sendo que a arbitragem ainda é um meio hierárquico, onde os homens se encontram no topo.

Sendo assim, é preciso fornecer às mulheres as mesmas oportunidades dadas aos homens, seja na tomada de decisões em cargos diretivos nas federações, nas escalas de competições ou na arbitragem.

### Referências

- ALBERTI, Verena. Narrativas na história oral. *In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA. Anais eletrônicos*. João Pessoa, PB: ANPUH-PB, 2003.
- DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. História oral e narrativa: tempo, memória e identidades. *In: VI Encontro Nacional de História Oral (ABHO). Revista História Oral*, v. 6, 2003, p. 9-25.
- GOELLNER, Silvana Vilodre *et al.* Garimpando Memórias: esporte, educação física, lazer, e dança no Rio Grande do Sul. *In: GOELLNER, Silvana Villodre (Org). Garimpando memórias: esporte, educação física, lazer e dança*. Porto Alegre: UFRGS, 2007.
- GOELLNER, Silvana Vilodre. Gênero e esporte na historiografia brasileira: balanços e potencialidades. *Revista Tempo*, v. 19, n. 34, 2013.
- GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulher e Esporte no Brasil: fragmento de uma história generificada. *In: SIMÕES, A. C.; KNIJNIK, J. D. (Org.). O Mundo Psicossocial da Mulher no Esporte*. Comportamento, gênero, desempenho. São Paulo: Aleph, 2004. p. 359-373.
- HARTMANN, Andressa. **Das arquibancadas ao centro da quadra: as mulheres na arbitragem brasileira**. Monografia (Conclusão de Curso) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2017.





HUBNER, Edgar; REIS, Cláudio. Handebol. *In:* DACOSTA, Lamartine (Org.). **Atlas do Esporte no Brasil**. 2005, p. 281-284.

JAEGER. Angelina Alice. “Gênero, Mulheres e Esporte”. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v.12, n. 01, p. 199-210, janeiro/abril de 2006.

KLANOVICZ, Jamile Mezzomo. **A História da disciplina de Handebol da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul**. Monografia (Conclusão de Curso) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

NAGY – KUNSAGI, Paulo. **Handebol**. Rio de Janeiro: Palestra, 2ª edição, 1986.

NETTO, Francisco Camargo. **Depoimento Francisco Camargo Netto**. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte, ESEFID/UFRGS, 2014.

NETTO, Francisco Camargo. **Handebol**. 4. ed. rev. e aum. Porto Alegre: PRODIL – LIAL, 1982.

NETTO, Francisco Camargo. **Handebol: Meridional**. 2. ed. Porto Alegre, , 1972.

QUEIROGA, João Guilherme de Souza. **Depoimento João Guilherme de Souza Queiroga**. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte, ESEFID/UFRGS, 2015.

RIGHETO, Carla. **Depoimento Carla Righeto**. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte, ESEFID/UFRGS, 2017.

SCOTT, Joan. Gênero: Uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2 jul./dez., 1995, p. 71-99.





UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG

**Catálogo na Publicação:**

Bibliotecária Simone Godinho Maisonave – CRB -10/1733

S471a Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade (7. : 2018 : Rio Grande, RS)

Anais eletrônicos do VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, do III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e do III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade [recurso eletrônico] / organizadoras, Paula Regina Costa Ribeiro... [et al.] – Rio Grande : Ed. da FURG, 2018.

PDF

Disponível em: <http://www.7seminario.furg.br/>

<http://www.seminariocorpogenerosexualidade.furg.br/>

ISBN:978-85-7566-547-3

1. Educação sexual - Seminário 2. Corpo. 3. Gênero 4. Sexualidade I. Ribeiro, Paula Regina Costa, org. [et al.] II. Título III. Título: III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade. IV. Título: III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade.

CDU 37:613.88

Capa e Projeto Gráfico: Thomas de Aguiar de Oliveira  
Diagramação: Thomas de Aguiar de Oliveira

